

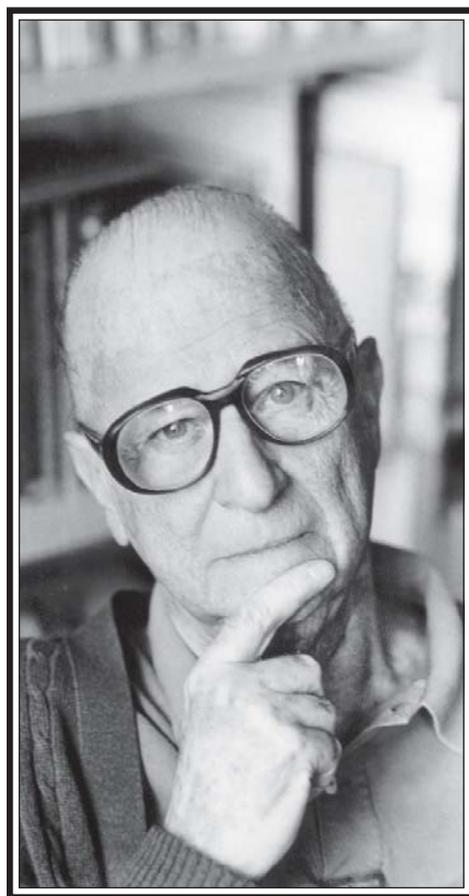
Decio

HENRIQUE FLEMING

HENRIQUE FLEMING
é professor do Instituto de
Física da USP.

Logo no começo de seu mandato como reitor da Universidade de São Paulo o professor José Goldemberg resolveu ressuscitar a revista que já existira, saltuariamente, sob o nome de *Revista da Universidade de São Paulo*. Convidou para dirigi-la Decio de Almeida Prado e recomendou que abrigasse mais ecletismo do que as versões anteriores (redundante cuidado). Veio daí o convite a mim, físico, para participar da empresa. Foi então que conheci Decio pessoalmente. Ouso dizer que ficamos amigos.

Reuníamos-nos todas as quartas-feiras, à tarde, umas dez pessoas, para pensar, primeiro, a revista, e, depois, cada um de seus números. Cedo esse encontro se tornou o ponto alto das minhas semanas, e Decio era, sem dúvida, o ponto alto desses encontros, mesmo em meio às várias outras estrelas de grandeza importante que também iam lá. Era um fidalgo, mesmo seguindo o étimo, e o melhor conversador que encontrei em minha vida. Dominava as reuniões com o lastro dos muitos anos de Suplemento Literário às costas, e as tornava únicas, irrepetíveis, com os seus comentários e anedotas. Delas dou só dois exemplos. Uma vez falávamos ou sobre Pedro Nava ou sobre Juiz de Fora, já não me lembro qual (naquela época Juiz de Fora ainda não estava associada irremediavelmente a Itamar Franco). E Decio se lembrou que Pedro Nava tinha morado, certa vez, lá, e do caso que se segue. Durou pouco, a cidade era pequena, Pedro Nava era poeta demais para aquela Juiz de Fora. Deu-se o rompimento, anunciado em jornal. Pouco depois



Drummond escrevia, e o sorriso de Decio se abria, ao contar, o poema:

“O poeta Pedro Nava
Vai sair de Juiz de Fora.
Parabéns a Pedro Nava,
Parabéns a Juiz de Fora.”

(Cito de memória sem a possibilidade, ai de nós, de controlar na fonte.)

Permitam-me outra. Décio ria-se comigo de suas dificuldades com a matemática quando se lembrou de uma conversa que tivera com Mário Schenberg sobre o mesmo tema. “Mário, nunca consegui entender matemática”. “Décio, isto é certamente porque o seu professor também não entendia!”.

Decio se foi. Ficou a obra, é verdade, mas perdeu-se uma extraordinária janela para o passado e todos os seus benefícios, compreendidas as referências para preparar o futuro.

Por que temos de tolerar isto?!